

**PAUL
BOURGET**

A AGUA
PROFUNDA

Paul Bourget
A agua profunda

http://www.litres.ru/pages/biblio_book/?art=24179468

A agua profunda:

Содержание

I	4
I	8
II	19
III	36
Конец ознакомительного фрагмента.	48

Paul Bourget

A agua profunda

I

Ha certos proverbios que, passando d'um paiz para outro, tomam uma physionomia tão differente, que bastaria uma tal variação para provar que os caracteres nacionais se conservam na realidade radicalmente distinctos e irreductiveis.

O francez, por exemplo, diz, a respeito d'um homem feliz «que nasceu impellicado», e o inglez «que nasceu com uma colher de prata na bocca».

Dois rifões, duas raças, dois destinos: d'um lado um povo voluvel, espirituoso, elegante, amando a galanteria, apaixonado pelo prazer e naturalmente divertido; – do outro lado uma nação avida, dominada pelo positivo e que até no luxo quer o conforto.

São aquelles dois traços caracteristicos que resaltam d'um primeiro proverbio; vejamos outro.

D'alguem muito circumspecto diz o francez: «não ha peor agua do que a agua quieta», o italiano: «as aguas tranquilllas destroem as pontes» e o inglez: «as aguas tranquilllas correm profundas». E os trez teem razão.

O francez é tão expansivo e sociavel, que uma alegria que não communique não é completa; um pesar que guarde no intimo do

seu coração é um dobrado pesar. Julga os outros por si, e, na presença d'alguem menos expansivo, está desconfiado.

O italiano, por natureza reflectido e previsto, possui uma desconfiança no mais elevado grau. Vê na reserva uma ameaça, no silencio uma cilada, é que Machiavel era de Florença, do paiz aonde a astucia é sempre acompanhada da gravidade, e o machiavellismo fez carreira. Orgulhar-se-ha com a bella allegoria que pinte uma arca de Noé, resplandecente de luz, sobre o glauco Arno ou o Tibre flávo.

Nos inglezes o espirito realista é acompanhado da mais tacita e meditativa melancolia.

Observae uma carta do seu paiz e vereis como Manchester está nas proximidades dos lagos e do condado de Wordsworth.

A cada momento empregam um aphorismo de voracidade rapace. Teem comtudo uma graça rude que não perdem ainda mesmo nos momentos mais criticos. E a verdade é que o Anglo-Saxão se nos apresenta na sua historia e na sua litteratura: duramente brutal, quando é brutal e excessivamente sonhador, quando é sonhador.

Estas duas pequenas phrases encerram uma grande verdade.

É, porém, justo que se diga que os casos de psychologia ethnica teem innumeradas excepções.

A prova está na recordação d'esse poetico proverbio inglez sobre as «aguas profundas» que o meu espirito me sugeriu – ó ironia – no proprio momento em que pretendo contar uma aventura parisiense, succedida no outomno passado, e cuja

heroina não tem, com certeza, nas veias a minima gotta de sangue britânico. E, comtudo, nenhuma imagem me parece resumir melhor a impressão que em mim produziu esse pequeno drama sentimental, quando me foi referido, em intima confidencia, cujo mysterio respeitarei.

Tendo-se desenrolado essa tragedia intima, sem escandalo, entre um pequeno numero de personagens, bastará uma simples troca de nomes para conservar um incognito cuja necessidade o leitor reconhecerá certamente, desde que admitta, apesar da singularidade de certos detalhes, que tudo n'ella é verdadeiro.

Terminada a narração, comprehenderá a leitora, se se interessou pelos segredos da delicada mulher cuja historia se faz na *Agua Profunda*, que irresistivel coincidencia compelliu o historiador d'este episodio romanesco a inscrever na sua primeira pagina a synthese do velho proverbio?

Encontrará tambem, casualmente, uma especie de symbolo no contraste frisante entre o cunho parisiense dos logares e do meio onde se desenrolaram os incidentes d'esta chronica de costumes, e a visão do que se passa além da Mancha, avocada ao espirito pelo aphorismo inglez: a corrente obscura e silenciosa d'um rio da Irlanda por entre os seus prados, a immobilidade vaporosa d'um lago da Escocia na solidão das suas montanhas vestidas de urze?

Ainda mesmo que ella seja no fundo d'uma sensibilidade affectuosa pouco communicativa e a escrava d'esses deveres de severidade, d'esses deleterios prazeres a que obriga a infelicidade sempre cubiçada d'uma situação em evidencia, aquelle contraste

não é o de toda a sua existencia?

Preferia, talvez, em volta das suas emoções, das suas esperanças, dos seus pezares, um quadro que lhe recordasse a sua propria vida: a prova d'um vestido em casa d'uma modista celebre; visitas em Monceau, os Campos-Elysios, o arrabalde de S. Germano; a volta para casa; a mudança de vestuario; jantar fóra ou receber; e acabar o dia em qualquer reunião com pretensões a elegante, ou no camarote de algum theatro em que se exhibam peças para fazer rir.

É forçoso, porém, que estas luctas quasi mortiferas do coração e do meio tenham uma especie de attractivo doentio, disfarçado, mas bem intenso, e que correspondam, nas sensibilidades mais apuradas, a uma inexplicavel necessidade de emoções violentas.

Só assim se explica que Paris e a sua sociedade – ou melhor dizendo – a mescla, phantasticamente formada, que constitue o seu grande mundo – Paris, então, e as suas sociedades (é necessario o plural) continuem a attrahir, a prender um sem numero de pessoas que, pela sua fortuna, são inteiramente livres e se encontram em condições de se libertar d'um tal meio.

Amaldiçoam, quotidianamente, o captiveiro e a sua atmospherá moral e não se vão embora, como se não se pudesse viver n'outra parte.

A anecdota aqui referida, provará effectivamente como esta cidade, que realisa a cada momento a celebre phrase do Imperador sobre o *impossivel* encerra de tudo na sua decoraçáo extravagante, até grandes almas...

I

Seguindo uma pista

Disse já que este episodio datava do outomno passado; mas teria sido muito mais correcto, asseverando que foi n'essa epocha que se deu o seu epilogo. Porque a parte dramatica da aventura não foi, como acontece quasi sempre, mais do que a explosão d'uma mina ha muito tempo preparada pelos acontecimentos. É possivel tambem que, apesar de tudo, se não fosse um simples acaso, e bem inesperado, nunca ella tivesse rebentado, como acontece ainda maior numero de vezes.

É assim a vida humana: o inevitavel e o imprevisto acham-se n'ella tão intimamente ligados e confundidos, que ao observarmos attentamente essa sequencia de causas e de effectos, sente-se uma inexprimivel impressão de logica e de incoherencia, na qual só a crença n'uma suprema razão de todas as coisas nos permite presentir uma acção providencial.

Mas é este um ponto de vista generico e que a nossa philosophia concebe depois de demorada observação; tal philosophia porem é impotente, quando procura interpretar da mesma maneira acontecimentos d'uma radical insignificancia: o que, por exemplo, precipita a tragedia que vou contar, a simples visita d'uma senhora a um armazem de novidades.

A formosa dama de que se trata e que chamarei, conservando-

lhe o título – este detalhe é de pequena importância – a baroneza de Node, estava muito burguezmente apreçando tapeçarias. Ouvira dizer que o grande armazem em questão havia recebido um variado sortimento de tapetes do Oriente. Tinha, por isso, ido ali, no principio d'uma tarde de novembro, com a esperança de que áquella hora, por ser a de menor concorrência, melhor poderia realizar as suas compras.

Effectuadas estas, dirigia-se para a saída, com passo lento, deleitando o olhar, mesmo contra sua vontade, com a observação d'esses milhares de objectos de tão differentes proveniências e para tão diversos usos, amontoados no balcão, pendurados nas paredes, empilhados nas estantes e dispostos nas vitrines. O quadro é sufficientemente conhecido para que mereça a pena reproduzil-o.

A joven baroneza tinha entrado no armazem ás duas horas, não eram ainda tres e já essa multidão, que desejava evitar, começava a envolvê-la por todos os lados.

O vasto compartimento regorgitava com esse formidável affluxo feminino que parece dar razão aos prophetas da democracia. O sonho da igualdade universal não se acha realisado completamente no dedalo d'um semelhante império? Não se encontram ali confundidas todas as classes n'uma mistura extravagante? A modesta esposa do funcionario com mil e oitocentos francos de vencimento acotovela a consorte do judeu financeiro, cujos lucros no jogo de fundos se elevam, em 31 de dezembro, a meio milhão. A provinciana, para a qual a viagem

a Paris constitue um acontecimento, passa rente á estrangeira que vae de São Petersburgo ao Cairo e de Cannes a New-York com a mesma facilidade com que ella veio do seu hotel da praça Vendôme. A mundana, cujo automovel de grandes dimensões a aguarda á porta, crusa-se com o estudante do bairro Latino que caminha a pé ao longo das ruas, para não desfalcar o modesto orçamento do seu viver de bohemio, com a quantia de sessenta centimos que pagaria n'um *tramway*.

O colossal bazar não constitue, pois, uma tentação para todos os desejos, uma occasião propicia para occorrer a todas as faltas?

Mesmo uma grande senhora, que nos ultimos cincoenta annos só tenha tido fornecedores especiaes, recorre por fim a esse banal e commodo mercado, e transige em ir passear até lá, como fez a baroneza de Node, a despeito de aquella promiscuidade forçada, com aquelle seu todo aristocratico, patricio, que se não imita e que se não define. Sabe-se apenas quem o possui.

É uma maneira particular de olhar, de andar, um porte caracteristico, onde ha a timidez e a afouteza, a altivez e a naturalidade, um pouco de orgulho e de simplicidade, um não sei quê, emfim, em que entram todos esses predicados em proporções convenientes.

Mas todas as mulheres os surpreendem, e todos os homens.

Por certo que a baroneza de Node não denunciava, ao analysar a sua figura, nada de particularmente notavel, parecendo até, á primeira vista, que deveria passar desapercibida, por toda a parte; era uma mulher mais baixa do que alta, muito gentil, mas

d'uma gentileza um tanto fransina, um pouco delicada, de olhos pretos, d'uma notavel ternura, cabellos castanhos, iguaes a todos os cabellos castanhos, e d'um talhe fino, esbelto, semelhante a todos os talhes finos.

As suas toilettes não eram nem muito severas, nem demasiado vistosas.

N'esse dia, usava um vestido de passeio, de veludo castanho com applicações côm de hervilha clara, um chapéu adequado, sem o menor caracter de excentricidade.

E, comtudo, os cavalheiros e as senhoras que se cruzavam com ella seguiam-na com um olhar mais persistente e curioso e os empregados da casa caminhavam ao seu encontro com uma sollicitude mais caracterisada.

Pormenores interessantes: as orelhas garridamente guarnecidas, os dentes muito brancos e muito iguaes, a finura das mãos e dos pés corrigiriam, sem duvida, o que o seu aspecto geral tivesse de indifferente, se não fosse o tal «não sei quê». Mas ella tinha-o, e não sei tambem porque, sabia que o tinha.

Um muito leve, um imperceptivel traço de impertinencia, pairava, mais accentuado quando se não desejava tornar notada, nas suas narinas finas e nos seus labios sensuaes.

Era o unico senão d'aquella physionomia. Quando nada despertava a sua atenção, como no caso presente, emanava de todo o seu ser um certo desprazimento que tanto poderia revelar a apathia d'uma mundana exhausta de frivolidades ou uma extrema preocupação de si propria.

Este ar de enfado estava de tal modo impresso no seu rosto delicado que modificava logo a impressão que o seu porte aristocratico havia suscitado.

– «É uma mulher vulgar», diziam de si para si os visitantes que se sentiam attrahidos para outras clientes de aspecto mais jovial.

«Como é formosa!» pensavam os rapazes, que se encontram sempre em abundancia n'estes pontos de concorrência feminina, promptos a seguir indistinctamente uma mulher bonita sem se lhe approximarem, para depois pensarem n'ella não menos indistinctamente.

E, portanto, se um d'elles seguisse attentamente a gentil baroneza, teria visto a sua physionomia d'uma friesa, que parecia dever conservar-se sempre impassivel, contrahir-se numa expressão de aguda curiosidade, n'um determinado momento da visita ao grande armazem; um brilho intenso illuminar o seu olhar quasi melancolico, e parar de repente.

Era forçoso que no meio d'essa multidão agitada, que se movia e expunha n'uma atmospherá cada vez mais suffocante, tivesse observado alguma coisa ou alguem que despertasse n'ella emoções bem vivas e profundas, porque uma tão instantanea metamorphose, que para o observador estranho seria imperceptivel, a um simples golpe de vista.

Um perfil observado e reconhecido, entre tantos outros, ao fundo d'uma escada que se preparava para descer, era a causa da sua emoção; por isso os seus pequeninos pés se movem com grande rapidez para a transpor o mais breve possivel, olhando

sempre por sobre as cabeças dos transeuntes, para não deixar de ver aquella cuja presença a havia impressionado tão vivamente.

Não tinha o facto em si aparentemente nada de anormal; aquella pessoa era nada mais e nada menos do que uma das suas primas mais intimas, quasi uma irmã, a jovem marquezia de Chalinhy.

Mas a baroneza de Node tinha motivos muito especiaes (o decorrer da narração o demonstrará) para ligar uma extrema importancia aos mais insignificantes actos e gestos d'essa supposta amiga:

– «Valentina aqui?» dizia ella, deslisando rapidamente por entre a multidão cada vez mais compacta dos compradores. Era guiada pelas duas grandes plumas pretas que guarneciam o chapéu da senhora de Chalinhy «depois de se ter recusado a sahir comigo a pretexto de ter que fazer visitas? Era então uma desculpa por não querer andar comigo... Reconheço bem que está mudada. Tem suspeitas. Já o disse a Norberto depois da estada em Deauville... Esta recusa em sahirmos juntas e depois que lá estive... Quando se quer saber a verdade sobre as coisas importantes é necessario lançar mão dos mais insignificantes pretextos... Pelas suas maneiras, quando nos encontrarmos, verei o que ha em tudo isto...».

Este monologo envolvia um d'esses terriveis segredos que a vida elegante muitas vezes occulta com as suas formulas banaes. Ao termina-lo, as suas faces, habitualmente descóradas, estavam rosadas; os seus movimentos tinham tomado uma tal celeridade,

que, apesar dos obstaculos, já quasi se encontrava junto d'aquella que perseguia.

Alcançal-a-hia em alguns segundos apenas, quando, repentinamente, começou a demorar o passo, como se uma nova idéa a determinasse a augmentar a distancia que a separava da senhora de Chalinhy.

É que, envolvendo sua prima n'um olhar observador, estudando-a, sem que ella a visse, a baroneza de Node, acabava effectivamente de sentir uma nova sensação, a principio confusa e inconsciente, depois definida e precisa, a ponto de se tornar o inicio d'uma curiosidade tambem nova, mais extraordinaria e mais viva ainda: parecia-lhe que a outra atravessava a multidão como alguém que procure confundir-se n'ella, a fim de fazer perder a pista a quem pretenda segui-la.

A marqueza levava um vestido escuro, que não attrahia as atenções.

O véo de mállhas apertadas que escondia o seu rosto, parecia ter sido escolhido propositadamente para tal fim. Caminhava ligeira, como uma pessôa que tem pressa, e sem olhar para nenhum d'esses mil objectos differentes que se achavam expostos por toda a parte em torno de si.

– «Aonde irá ella?..»

Ainda esta pergunta não tinha penetrado no pensamento de Joanna, e já ella lhe respondia mentalmente da fórma porque o fariam noventa e nove por cento das parisienses.

– «Aonde póde ir uma mulher bonita, de trinta annos, e que

se occulta?

«Será possível que Valentina, a gráve e prudente Valentina, vá para uma entrevista amorósa ou regresse d'ella?»

Tudo no seu character protestava contra semelhante hypothese.

A baroneza de Node sabia-o melhor do que ninguem, tendo sido educada com ella, e encontrando-se, por circumstancias que lhe não eram muito lisongeiras, ao corrente dos segredos mais intimos da vida da sua prima. Mas quando uma mulher não é honesta – e Joanna não o era – não acredita nunca, sem reserva, na irreprehensivel virtude d'uma outra. Por isso é que o mais leve indicio a punha no rasto do que a humanidade em linguagem de giria, chama um «embrulho» e vel-a hemos, apesar de dizer respeito á sua melhor amiga, desenvolver um talento de investigação tão completo como o d'um velho magistrado.

Eram uns nadas que tinham facil explicação: a recusa em sahirem juntas, com o pretexto de ter que fazer visitas, e depois esta entrada no grande armazem de novidades!

Bastava que a marquezia de Chalinhy não tivesse encontrado as pessôas que ia visitar, e que depois, passando pela rua de Rivoli, deante da fachada principal do grande armazem se tivesse lembrado, á ultima hora, de fazer qualquer compra. Era ainda uma insignificancia o seu fato escuro, o seu veu expesso e a sua passagem quasi furtiva atravez da multidão. E portanto, esta tão vaga, tão gratuita hypothese d'um mysterio culpavel, contrabalançava já, no espirito de Joanna, a longa experiencia que tinha a respeito da natureza de sua prima, por isso que a

seguia de longe e sem se approximar d'ella.

Via-a caminhando sempre com aquelle passo rapido de quem vae direito a um fim, sem uma distracção, sem uma paragem, seguindo de galeria em galeria, e alcançar por fim uma porta affastada que dá para o angulo da rua Saint Honoré em frente da rua Croise des Petits Champs.

No momento em que a senhora de Chalinhy empurrava a enorme meia porta envidraçada, foi detida por um grupo de pessoas que pretendiam entrar. Teve que esperar um minuto, e voltou-se. A espionadora, que se achava só a alguns metros de distancia, para não ser surprehendida em flagrante delicto da sua ignobil espionagem, não teve senão o tempo sufficiente para se voltar tambem e fingir que analysava uns objectos que se achavam ali proximo.

Valentina de Chalinhy tel-a-hia reconhecido, ou tendo-a visto não se julgaria reconhecida por sua prima?

Quando se voltou de novo, Joanna não viu mais as duas plumas pretas, que a orientavam n'esta caminhada atravez da multidão. A crescente suspeita continuava a aguilhoal-a tão fortemente, que correu para a porta afim de chegar o mais depressa possivel ao vestibulo, do qual se devisavam tres ruas ao mesmo tempo, e descobriu aquella que espionava.

A senhora de Chalinhy estava fallando com o cocheiro d'uma carruagem, que evidentemente ali a aguardava, e que retinha o seu cavallo impaciente no meio da rua Saint Honoré, ouvindo attentamente a direcção que lhe dava a sua cliente, com a mão

collocada no portinhola aberta. Fez um gesto que designava haver compreendido. As plumas negras perderam-se na carruagem, a pequenina mão fechou a porta e o cavallo partiu em direcção ao Louvre, tão rapidamente que a baroneza de Node não teve tempo de procurar outra carruagem que lhe permittisse seguir a pista em que o mais inesperado dos acasos a tinha lançado.

Chamou um cocheiro que passava, depois um segundo. Ao seu appello responderam o primeiro com um insolente silencio e o ultimo com um ligeiro movimento de hombros. Ambos tinham já freguezes.

– «Como sou tola!...» disse consigo a baronezazinha.

«Não a tornarei a apanhar, com certeza...

«O que é preciso saber é se ella sahiu de casa na sua equipagem...» E, obedecendo machinalmente ao instincto de policia secreto, despertado n'ella por este encontro, seguia já pelo passeio em direcção á praça do Palais-Royal. Preparava-se para passar em revista as equipagens que ali esperavam collocadas na rectaguarda umas das outras. Não teve necessidade d'uma demorada observação para reconhecer, entre os criados de libré que estacionavam deante da grande porta, João, o lacaios da marquezia. Um pouco mais distante o cocheiro José, assentando na almofada, a parelha de cavallos baios atrelados a um *coupé* com as armas de Chalinhy.

Valentina tinha executado a classica manobra: havia descido da carruagem official d'aquelle lado, a fim de justificar a demora em outra parte, confirmando assim o dictado.

«Antes de chegar aonde não quer ser vista, a mulher que sae, vae sempre a um logar em que quer que a vejam». E aonde vae uma mulher que não quer ser vista?

II

Historia rapida d'um odio antigo

Para comprehender os sentimentos que uma tal descoberta produziu em Joanna de Node, é necessario precisar uma situação de facto já indicada, e um estado d'alma mais essencial ainda.

Certos actos são por si mesmo tão graves que parecem tocar os limites da nossa culpabilidade. Podem, comtudo, ser ainda aggravados com a maldade dos sentimentos que nos compelliram a pratical-os.

Advinha-se logo ás primeiras phrases d'esta narrativa: que, á data em que a historia começa, existia entre a baroneza de Node e Norberto de Chalinhy, marido de Valentina, uma ligação muito intima. Esta intimidade durava já havia mais de um anno.

Se attendermos a que não eram só os laços de parentesco que uniam as duas primas co-irmãs mas que, além d'isso, tinham sempre sido inseparaveis haviam crescido e brincado juntas, entrado na sociedade juntas, e que uma tal intimidade fôra sempre acompanhada, e continuava ainda a sel-o, d'aquella afabilidade de palavras e maneiras que constituem a graça acariciadora das amidades femininas – ver-se-ha como uma tal perfidia ultrapassa muito os limites d'esses coquetes delictos mundanos que quotidianamente se commettem, com o nome, n'outro tempo tão grave, e hoje tão insignificante, de adulterio.

O verdadeiro crime d'esta aventura, não estava propriamente na falta em si, n'uma traição que a fraqueza d'um coração perturbado, um casamento infeliz – Joanna estava separada de seu marido havia tres annos, – um amor partilhado, podiam explicar. O verdadeiro motivo do delicto era, porém, peor que o proprio delicto. Consistia principalmente na mais mesquinha, na mais incomprehensivel, na mais violenta das paixões de que as naturezas seccas e desprendidas, como a sua, sejam capazes: A baroneza de Node não amava Chalinhy, odiava Valentina, e desde a sua longinqua infancia, por motivos tão impenetraveis, tão intimamente nascidos no recondito da sua alma que ella propria o ignorava a principio. E ainda hoje mesmo não estava muito consciente d'isso.

Não se reconhece facilmente que se *inveja* alguém – é aquelle o termo que melhor exprime este enigma moral – porque equivale a reconhecer tacitamente uma certa inferioridade em relação á pessoa que se inveja, e a existencia em nós proprios d'um sentimento aviltante.

Mas, por mais que dissimulemos os nossos baixos instinctos, a sua vilania não é menos intensa sob as apparencias hypocritas de que os revistamos aos nossos proprios olhos; e era bem a intoleravel revolta de todo o seu ser deante da felicidade de outro ser, que Joanna tinha começado a sentir por Valentina, ha muito, quando eram apenas duas creanças que corriam pelas alleas do parque, de tranças cahidas, e que continuava a sentir havia trinta annos. No destino de sua prima, só Joanna via bom

exito, e no seu, o infortunio. Pensando e sentindo assim, laborava n'um grande erro. É que a inveja engana-se sempre que aprecia a alegria dos outros, e é essa a sua primeira punição. Exaggera-a e soffre muito com isso.

Engana-se tambem muitas vezes quando, em seguida, trata de preparar a infelicidade que deve constituir a sua vingança. Nove vezes em dez, os seus esforços, falseados pelo odio, produzem precisamente o effeito contrario.

Como muitos dos nossos maus sentimentos, que nos permitem proceder mal achando sempre desculpa para isso, a inveja de Joanna por sua prima tinha-se insinuado no seu coração sob a apparencia de delicadas susceptibilidades. Os paes das duas primas eram irmãos; chamavam-se, conforme o costume francez que destruiu a nobreza multiplicando os titulos nobiliarchicos – quando pelo contrario toda a casa nobre deveria ser vinculada n'um só dos seus membros, seu representante – um o conde e o outro o visconde de Nerestaing. Valentina era filha do mais velho. Este é que tinha herdado o magnifico solar de familia que lhe dava o nome e que partilha, com os de Rambures e de La Tour Euguerrand, a honra de ser na Picardia a mais bem conservada das fortalezas construidas contra a invasão ingleza.

Nerestaing data de 1338, da epocha do armsticio que o Papa Bento XII impoz ao rei Eduardo III.

Pelo facto de nas partilhas ter pertencido esta maravilha de architectura ao representante da familia, tinha o mais novo sido desterrado para uma quinta proxima, denominada «Os

Salgueiros» e que pertencia por acaso aos Nerestaing, devido á liberalidade de um parente. Joanna tinha lá nascido, e as suas mais longinquas recordações d'infancia mostravam-lhe o modesto palacete – um antigo pavilhão de caça – onde cresceu, e, por contraste, a senhorial vivenda em que habitava sua prima.

Estas impressões retrospectivas accentuavam-se. Via-se ainda creança, indo procurar Valentina, á qual tinha fallecido a mãe, para a convidar a passar algumas semanas em sua companhia. Seu tio ia viajar, para se distrahir do desgosto que o torturava. Perdera inexperadamente a esposa, em pleno vigor da vida e cheia de saude. Foi então, durante a permanencia da orfã junto d'ella, que principiou o soffrimento de Joanna. Teve sempre aquelles pequenos defeitos que são como que reacções involuntarias do nosso systema nervoso. Era impulsiva e facilmente irritavel, desigual e caprichosa, guardando sempre para o dia seguinte o trabalho da vespera, desarranjada e estragada, emfim uma d'essas machinas cerebraes mal equilibradas e em que os medicos modernos veem logo um exemplar frisante de hysticismo.

Sua mãe, que não conhecia a commodidade das desculpas physiologicas, censurava-a sempre pelas suas propensões maldosas, muito principalmente desde que Valentina vivia com ella, em virtude da comparação entre as duas. A que mais tarde se devia tornar a gentil castellã do glorioso Nerestaing, era, com effeito, uma creança muito equilibrada, muito prudente, muito circumspecta, uma pequena senhora, emfim, e a tia, seduzida

pelos seus encantos, estimava-a mais do que á sua propria filha, ao mesmo tempo que, por uma piedade natural, mas não menos imprudente, prodigalisava á pequenita, que não tinha mãe, os mais indulgentes afagos.

O secreto e irresistivel instincto de antipathia quasi animal que tinha tornado insupportaveis a Joanna taes elogios e taes ternuras, justifica-se talvez, para uma creança de treze annos, pelo ciuime da affeição materna. Esta aversão tinha-se tornado tão intensa, que um dia que entrou só no quarto de Valentina, encheu de tinta os cadernos que estavam sobre a mesa, despedaçou os objectos que encontrou no armario, deitou ao chão e pisou aos pés o retrato de sua prima, loucamente, furiosamente. Passados dezesete annos, recordava-se ainda do temor, do susto que tinha tido quando a senhora de Nerestaing, que a procurára por toda a casa, a foi encontrar n'aquelle abominavel acto de vingança. E foi sua propria prima quem pediu e alcançou perdão para ella. Um tal delicto tinha, pelo menos, dado como resultado a partida de Valentina, quasi em seguida, para casa d'um outro parente. A mãe comprehendera tudo.

Por uma anomalia aparentemente estranha, mas que se torna bem logica perante a reflexão, o ciuime que tinha por Valentina, foi a causa de que, durante os annos da juventude, Joanna se ligasse a elle mais intimamente. Invejar alguma pessoa é pensar n'ella. É sentir por ella. É, por uma d'estas dualidades desharmonicas, tão familiares á nossa natureza emotiva, sentir ao mesmo tempo attracção e repulsão pela sua presença. A

inveja não é, a principio, nem é nunca o odio puro. É mais e menos, por isso que com ella ha sempre de mistura uma admiração dolorosa, involuntaria, revoltada, mas uma admiração em todo o caso, por consequencia, uma especie de amor. Assim se explicam na existencia dos artistas, por exemplo, aonde esta paixão complicada tem como que o seu dominio proprio, as alternativas de exaggerada admiração e de descredito entre dois rivaes, tão sinceras quanto são contradictorias.

Dos treze aos dezoito annos, esteve Joanna persuadida de que não tinha melhor amiga do que Valentina, e era verdade, no sentido de que nenhuma das suas companheiras d'aquella epocha lhe causava impressões tão fortes. Ou fosse porque a fascinassem as bellas qualidades de sua prima, ou porque se revoltasse contra ellas, inteiramente, com uma amargura irritada, tinha-a sempre no pensamento. Quando entraram juntas na sociedade, modificou-se por algum tempo, a sua sensibilidade mal equilibrada, por isso que Joanna teve, então, pela primeira vez, um successo superior ao de Valentina. Esta, que se salientára sempre, emquanto as duas viveram n'um meio restricto, pela verdadeira seriedade, pela delicadeza simples, pela harmonia e suavidade de todo o seu ser, passou logo ao segundo plano, quando começaram a figurar n'um outro theatro. Havia em Valentina uma predilecção especial pela modestia e pelo retrahimento, e em Joanna um desejo de se divertir e de brilhar que faziam d'uma a mais desconhecida das comparsas, n'uma primeira visita, jantar ou baile, e attrahiam em volta da outra

todas as atenções tão superficiais, mas tão estonteantes, de que as «coquetes» ingenuas são muitas vezes victimas, n'essa idade da transição em que nas mulheres desponta o desejo de agradarem.

O caso é que Joanna se matrimoniou logo no primeiro anno do seu commum debute – e primeiro do que sua prima! A ancia d'este triumpho – o mais lisongeiro para as mulheres – não foi extranha á facilidade com que deu o «sim» ao pedido do barão de Node.

É preciso acrescentar que este casamento satisfazia ao completo edial que paes, desejosos d'um bom partido para suas filhas, poderiam esperar no anno da graça de 1890. O noivo era uma figura esbelta, possuia um bello nome, uma boa furtuna e o prestigio que exercem, apesar de tudo, mesmo sobre pessoas de linhagem distincta que viveram durante muito tempo na provincia, «os parisienses».

Julio de Node era frequentador das corridas; pertencia a um dos melhores clubs e salientava-se entre essa «coterie» que faz a moda no verão, em Deauville; nas caçadas, nas margens do Sena e Oise, no outomno; em Pau e na Riviera, no inverno e na primavera em Paris, n'esse Paris que vae da praça Vandome a Longchamps.

Joanna via-se, antecipadamente, gosando uma vida de continua agitação n'esse turbilhão que tanto seduz muitas mulheres.

O seu orgulho por causa d'esse casamento era tão profundo,

tão completo, que acabara de cicatrizar a antiga ferida da inveja. Taes cicatrizes estão, porém, sempre tão proximas de reabrir!

Nunca, antes, nem depois, estimou tão intensamente sua prima.

Chegára ao extremo de a lamentar, quando comparava o brilhante destino que a esperava com o futuro da suplantada Valentina. Mais tarde teria ella que lhe inspirar egual piedade, mas sem ser fingida.

Faz-se só justiça reconhecendo, para explicar, ou antes desculpar as amarguras das suas desillusões, que se este casamento tinha, a despeito das apparencias seductoras, motivos para não ser muito venturoso, tinha tambem outros para não ser completamente infeliz.

Joanna teve um só filho que nasceu em condições bem tristes.

Foi necessario sacrificál-o para salvar a mãe. A maternidade foi-lhe, desde esse momento, defeza.

Seu marido, que procurava como tantos outros augmentar a furtuna, transaccionando constantemente com os cento e vinte mil francos que constituíam o liquido dos seus haveres, encontrou-se compromettido, pouco a pouco, por muitas especulações infelizes. Jogou para reparar as perdas e perdeu mais. Pediu a assignatura de sua mulher, que lh'a deu a principio, negando-lh'a depois, por conselho dos paes, para não prejudicar a sua independencia.

As questões de dinheiro transformaram-se, para este casal sem filhos ao qual uma continua dissipação perturba a energia

moral, em discussões a principio violentas e que depois degeneraram em disputas. De scena em scena, a separação tornou-se inevitavel. Deu-se antes de findar o setimo anno d'este bello enlace, tão «auspicioso» como diziam as noticias de certos jornaes, quando se celebrou. Durava já havia quatro annos, e Joanna esperava sem cessar que seu marido pedisse uma desligação mais completa dos laços conjugaes, para ficar inteiramente livre e reparar, por uma nova união, a sua fortuna reduzida a menos d'uma terça parte. Esperava isto, e, apesar das ideias religiosas que professava e das da sociedade em que vivia a constituissem na obrigação de resistir a um tal projecto, desejava-o ardentemente.

O artigo 310 do Codigo Civil que permite a um dos dois conjuges fazer transformar uma simples acção de separação de pessoas em divorcio, havia um certo tempo constituia o objecto unico das suas meditações, visto que um tal artigo lhe abria as portas d'um segundo casamento, muito embora se achasse em contradicção com a sua attitude, contrariando a familia, e a sociedade o levasse a mal.

Tudo isto nada valia para ella em face da precaria existencia que levava, n'um segundo andar da rua Barbet-de-Jouy, aonde se tinha refugiado, apenas com alguns mil francos de renda, – tanto quanto gastava em toilettes no principio da sua vida de casada – e a dois passos do sumptuoso palacio em que habitava a prima, transformada em marquezia de Chalinhy!

A cada desastre na vida de Joanna correspondia uma mudança

feliz na de Valentina, o que para aquella era como que agudo punhal revolvido na ferida e cuja ponta resvalasse até o mais intimo da sua alma e rasgasse a sua propria carne.

Na mesma occasião em que dava á luz, no meio de torturas, o filho para sempre perdido, casava Valentina com Chalinhy, vinha, em seguida habitar um sumptuoso palacio na rua Varenne, digno de se comparar com o historico Nerestaing que lhe pertencia.

Um anno depois dava á luz uma filha, e passado outro anno nascia um menino, que viviam, cresciam, e cujos encantos faziam a felicidade do casal. E, depois, umas após outras, inexperadas heranças deram á feliz mãe uma opulencia que ultrapassava muito as mais exigentes ambições que havia sonhado para seus filhos. Da mesma maneira que o barão de Node, Chalinhy frequentava as altas regiões do *sport* e da moda, com a differença, porém, de ser tão bom administrador da sua fortuna, como aquelle era dissipador.

Possuia um geito e feitio especial para defender os seus interesses, não muito vulgar nas existencias de luxo e prodigalidade.

Porque se nem todas as pessoas abastadas se arruinam, para conservar uma fortuna é quasi necessaria tanta habilidade como para a adquirir. Tinha, pois, um dom caracteristico de bem calcular, qualidade esta que é, em geral, independente da nossa intelligencia e dos nossos habitos. A prova está em que esse invejavel predicado, de conservar a riqueza adquirida, se

encontra tanto na sociedade mais ignara como na mais illustrada, ou na mais correcta burguezia.

Chaliny não apostava a favor d'um cavallo que não ganhasse; não dava ao seu agente na bolsa ordem para realizar uma compra que os valores negociados não tivessem uma alta immediata, e comtudo era mediocre cavalleiro e não menos mediocre bolsista. E se percebia pouco de questões d'arte, raras vezes se enganava na compra de qualquer objecto artistico. E assim em tudo o mais.

N'uma palavra, á medida que o viver dos Node se tornava desagradavel, o dos Chaliny era cada vez mais intimo e affectivo, expandindo-se e revelando-se o seu bem estar pelo menos n'estas manifestações exteriores que fazem dizer ao publico: «que familia tão feliz.»

Como não havia, pois, de reaparecer a antiga inveja cada vez mais forte, mais intensa, mais arreigada, no coração da prima, separada do marido, arruinada, vagamente desacreditada ja; como não havia ella de repetir sempre que passava, em carruagem alugada ao mez, defronte do perystilo do principesco palacio da rua Varenne o «porque ella e não eu?» murmurado, quando era ainda creança, á vista das quatro soberbas torres ameadas do Castello de Nerestaing.

Perigosas palavras, mas que ficariam todavia inefficazes como tantas outras exclamações de ciume e inveja, soltadas a cada momento n'esse Paris de luxo e ostentação, por tantas vaidades humilhadas, ás quaes serve de atroz supplicio a visão da opulencia exhibida pelo proximo.

Quiz a infelicidade que Valentina ou não advinhasse sequer a existencia de taes sentimentos, ou então que, se realmente os surprehendeu, pretendesse por uma excessiva generosidade dissipal-os á força de bondade. É a peor e mais perigosa falta que a invejada pode commetter para com a invejosa.

Certos processos demasiadamente generosos, pela superioridade moral exasperam ainda mais a funesta paixão.

No caso presente, havia ainda um outro perigo, que consistia, sobre tudo, em a parente mais rica associar em todas as suas diversões a menos afortunada. Almóços, jantares, excursões pela cidade, passeios ao campo, um camarote no theatro, tudo servia de pretexto a Valentina para poupar a Joanna a mais pequena despeza e para lhe proporcionar ainda os maiores prazeres.

Não reflectia, porém, não pensava que tendo Joanna junto de si era tel-a tambem sempre proxima de seu marido.

Não ha nada mais propicio ás seduções do que esta intimidade entre um homem novo e uma mulher galante, que um proximo parentesco torna naturalmente familiares, que se chamam pelo nome de batismo, sahem juntos sem que ninguem se admire d'isso, escrevem-se quando estão separados, habituam-se emfim, a todas as intimidades do amor, n'uma amizade bem depressa perturbada, se um d'elles se deixa invadir de pensamentos que não sejam d'uma lealdade e simplicidade absolutas.

Depois de tantas humilhações, a tentação de tirar uma desforra, roubando a Valentina o coração de Chalinhy, tornou-se irresistivel para Joanna.

Tal foi a primeira ambição d'um instincto de vingança feminina, já de si bem perfida.

Estes desejos de exercer influencia nos sentimentos são sempre acompanhados d'uma garridice physica, que tem por fim excitar n'aquelle que vizam a emoção ingovernavel dos sentidos.

Uma vez entrados n'este caminho a provocadora e o seu cumplice não podem mais responder por si.

O obscuro e terrivel animalismo que impera, a despeito do nosso orgulho e das conveniencias sociaes, nas relações do homem e da mulher, exerce por fim o seu predominio fatal.

Quer-se preocupar o marido d'uma rival, prendel-o, perturbal-o – e desperta-se, como aconteceu a Joanna de Node, a amante d'aquelle com quem sómente se pretendia brincar – e nada mais.

Passava já d'um anno que esta ligação começara e em logar de encontrar n'este triumpho sobre sua prima escarnecida e enganada, uma pacificação para o seu odio, a culpada sentia cada vez maior exaspero. Por uma contradicção que mostrava absoluta confiança de Valentina, longe de amortecer o rancor de Joanna, ao contrario, apenas o irritava.

O papel de tola, desempenhado pela marquezia de Chalinhy, era revestido de muita delicadeza e muita innocencia! Tão morigerada, tão completa, tinha uma tal maneira de não ver o mal, que não permittia motejos. Não dava pela sua existencia, pela simples razão de que nunca o havia praticado, nem mesmo pensado em o praticar. O mundo que começava a perceber a existencia da intimidade entre Chalinhy e Joanna, não acreditava,

sem reservas, na ignorancia da marquezia.

«Finge que não percebe, por causa dos filhos...» dizia-se. A baroneza de Node, porém, sabia perfeitamente como lhe tinha sido facil abusar d'uma creatura que se julgaria aviltada por suppôr a sua companheira d'infancia capaz d'uma infamia. Sabia tambem, ou antes advinhava, que esta situação ridicula, para qualquer outra, d'uma esposa enganada por uma das suas parentas mais proximas e quasi que á sua propria vista, não provocava no seu meio, nenhum epigramma contra Valentina.

As más linguas misturavam, involuntariamente, á sua ironia sobre uma tal ingenuidade a expressão irresistivel d'uma estima forçada.

As mais crueis diziam: «Chaliny tem razão, a sua casta mulher é tão fastidiosa!..» ou então: «esta pobre Valentina é realmente muito bondosa.»

O que lhe acontece é perfeitamente natural... ou ainda: «Esta Chaliny é em verdade virtuosa, bonita, terna e perfeita; mas não sabe agradecer ao marido! É o seu unico defeito; tanto peor para ella...»

Estes ditos e outros iguaes, onde se aprecia a honra do mundo, em presença d'uma perfeição que desconcerta o seu pessimismo facil, marcam o extremo da malevolencia.

Não impediam que a marquezia tivesse em volta de si uma atmospheria dum respeito cada vez mais deferente, e que a sua feliz rival não percebesse nos mais insignificantes indicios o começo de uma desconsideração.

Uma mulher nova, que se sabe tem um amante, é logo tratada pelas outras mulheres com uma curiosidade, e pelos homens com uma atenção igualmente insultantes.

Adivinha nos olhares d'ellas o interesse curioso e por vezes insolente, que as prende ás clandestinas aventuras amorosas; e no d'elles a secreta esperança d'um amor possível.

Contra esta condemnação da sua falta pela sociedade, a mulher que ama não tem senão um refugio, a felicidade que dá ao ente amado. Ai! Não foi necessario muito tempo para Joanna perceber que não fazia a felicidade de Chalinhy, e que o obstaculo a essa felicidade provinha da profunda affeição que este homem tinha, por quem? Pela propria esposa que trahia! Muitos maridos infieis são assim: a familia não consegue amortecer n'elles, de todo, os appetites de gôso e de variedade, que adquiriram em solteiros.

A familiaridade quotidiana diminue e como que amortece o amor. Acontece mesmo, é até um caso muito frequente, que a existencia lado a lado, em logar de produzir a afinidade, a fuzão dos corações, a diminue, e que, apesar de se verem todos os dias, muitos esposos é como se não se vissem.

Ainda mesmo que a mulher não seja tão pudica e reservada e o homem severo e susceptivel, como eram Valentina e Norberto de Chalinhy, estes retrahimentos intimos tomam por vezes uma tal intensidade, que dão a explicação facil de muitos erros.

Mas se estas impressões de monotonia e de friesa collocam o que as experimenta, no lar conjugal, á mercê de todos os

caprichos dos sentidos e até do coração, não deixam com tudo de se achar presos a esse lar, que abandonam, pelas suas afeições mais intimas.

Engana sua mulher, e não deixa ella por isso de ser a que usa o seu nome, a mãe de seus filhos, a companheira que occupa no seu pensamento um logar unico.

Mente-lhe mas respeita-a. Ultraja-a em segredo, e os seus devaneios não o impedem de pôr acima, muito acima das amantes d'um momento, a companheira das horas principaes e mais sérias da sua vida.

Foram estes os sentimentos que Joanna de Node encontrou sempre no coração do amante, durante os doze mezes da sua ligação, os quaes, facilmente se adivinha, produziam a irritação constante, a tortura permanente da ferida que a inveja abrija na sua alma!

Se acontecia fazer a menor observação critica que pudesse attingir Valentina, ainda que muito de longe, uma visivel sombra de contrariedade passava logo pelo rosto de Chalinhy e o seu olhar tornava-se severo. Se fazia uma allusão á possibilidade de a intriga amorosa, em que se achavam envolvidos, ser descoberta pela esposa enganada, a angustia do olhar do seu cumplice mostrava bem evidentemente qual o grande apreço em que tinha a estima de sua mulher.

Quando surprehendia um d'estes indicios da persistente afeição de Norberto por aquella que detestava, com um odio misturado de remorsos, redobrava de sedução junto d'elle.

Tinha o maior interesse em dominar cada vez mais esse homem, e todavia via-se forçada a prendel-o apenas pelas mais obscuras fraquezas do seu ser e a seduzil-o pela sensualidade.

N'este brutal dominio era ella a mais forte e esta evidencia rebaixando-a aos seus proprios olhos, mais excitava ainda a sua inveja.

Calcule-se agora o resentimento que devia produzir n'esta alma perturbada, completamente minada por pensamentos d'esta ordem, a seguinte inexperada descoberta: A duqueza de Chalinhy não era o que parecia? Tinha um segredo na sua vida? Esta irreprehensivel esposa, cujo marido a si proprio não perdoava o trahil-a, corria Paris n'um trem, enquanto seu marido a julgava em casa muito resguardada? Tinha encontros clandestinos, deixando a carruagem á porta d'uma casa com varias entradas – exactamente como fazia a propria Joanna, quando ia encontrar-se com Chalinhy? Este modelo de virtudes, cujo elogio tanto a havia humilhado desde creança e ainda hoje a humilhava mais cruelmente, não passava d'uma hypocrita, d'uma comediante? Era possivel?

III

Primeiros esforços

É possível? Joanna tinha os maiores desejos de responder «sim» a esta pergunta, para que o seu pensamento se apressasse a colligir e amontoar os argumentos que podiam confirmar esta inexperada, esta fulminante descoberta.

Quando viu Valentina fechar a porta da carruagem que a conduzia para um recanto occulto d'esse grande Paris – tão propicio a encontros mysteriosos, – invadiu-a uma violenta commoção.

N'um só momento, o procedimento da sua orgulhosa prima tinha-a rehabilitado aos seus proprios olhos, rebaixando aquella ao seu nivel.

E, posto que o facto de Valentina ter abandonado a carruagem á porta do grande armazem, lhe provasse que a sua primeira supposição era racional, a sua excitação tornára-se tão viva que se não sentia capaz de esperar – o que era natural – que a senhora de Chalinhy voltasse, a fim de verificar a attitude d'esta, interrogal-a mesmo e observar o seu natural embaraço.

Bastar-lhe-hia metter-se no *coupé* abandonado, de maneira que no momento da entrada, depois da visita clandestina, a marqueza a encontrasse na sua frente e fosse violentada a confessar tacitamente a falta, só pela natural confusão.

Um tal procedimento exigia, porém, um sangue frio de que Joanna se não julgava capaz. Mostraria logo pela sua propria perturbação, que espionava a rival. E esta, advertida por aquella fórma, dominar-se-hia, depois de passada a primeira impressão. Posta de sobre aviso, procuraria, de futuro, desnortear qualquer curiosidade que pretendesse penetrar mais intimamente no segredo que, até ao presente, tão bem tinha sabido occultar. Não. Para chegar a saber se effectivamente Valentina tinha qualquer mácula na sua vida, a principal condição era que esta nem sequer suspeitasse da descoberta. A primeira idêa de Joanna de Node, em presença do sobresalto d'uma tal revelação, foi fugir, para não ser vista pela prima, e ir para casa. Lá meditaria sobre o meio mais seguro de não perder o fio que um phantastico acaso acabava de pôr nas suas mãos, e que não abandonaria mais. Parecia-lhe até imprudente que qualquer pessoa da sua intimidade a encontrasse na visinhança do grande armazem, e podesse denunciar a sua estada ali, n'esta tarde, á marqueza de Chalinhy.

Só conseguiu tranquilisar-se, depois de ter subido para a carruagem, e dito ao cocheiro que a conduzisse á rua Barbet-de-Jouy.

– «É possível?...» repetia ainda enquanto o cavallo d'aluguer da sua carruagem seguia ao longo das Tulherias, e depois pelo caes e ponte de Solferino. Mesmo contra sua vontade, tantas provas de seriedade dadas por Valentina desde a mais tenra infancia, influenciavam no seu espirito, destruiam a suspeita,

luctavam contra a injuriosa hypothese sugerida repentinamente pelo indício implacavelmente revelador.

Ha mulheres que praticam a caridade occultamente.

E se Valentina fosse a casa d'alguns pobres, modestamente, sem ir na sua carruagem, porque esses pobres habitavam n'alguns bairros escusos, onde a sua equipagem causasse escandalo, ou o cocheiro e trintanario corressem risco de ser insultados?..

Mas n'este caso teria entrado no armazem como uma criminosa, temendo evidentemente ser seguida? Sahiria com aquella precipitação e em taes condicções?

Todos os bairros populares ficam, hoje, nas proximidades dos *boulevards* ou de qualquer praça, onde uma mulher rica póde ir com os seus cavallos, sem necessitar servir-se de carruagem extranha...

«Tel-a-hia Norberto prohibido de dar esmolas?..»

«Mas isso é facil de saber. Basta-me perguntar-lh'o...» Fez com a mão o gesto de apertar a pequena esfera de cautchú do aparelho que serve para chamar o cocheiro... Ia dar-lhe ordem para, de caminho, parar na rua Varenne. Eram as commodidades que a sua qualidade de prima proporcionava ao adulterio.

Deixou, porem, cahir a esfera sem a ter comprimido: «Seria perdel-a se estava culpada, isso não faria ella.»

Uma primeira tentação – nem sequer a sombra d'uma denuncia – passára rapidamente pelo seu pensamento, e o mesmo sentimento que, ha annos, a fazia invejar Valentina, apresentava esta agora aos seus proprios olhos, n'uma attitude generosa mas

não sem uns laivos da sua habitual acrimonia.

«Não o faria...» repetia ainda. «E o que aproveitou eu com isso? Não sei, porventura, que Norberto não se preocupa mesmo nada com os seus actos? Que deposita n'ella a mais absoluta confiança. Também eu a tinha. E igual. Não se faz, porem, o que acabo de lhe ver fazer, sem haver para isso muito poderosos motivos...»

– Porque, enfim, podia ser vista por qualquer outra pessoa que não fosse eu e que não seria certamente tão indulgente...

Onde iria ella?... Ah! Eu o saberei! Mas como?

Era já noite e a baroneza de Node entrara em casa, passado muito tempo, sem que, atravez d'essas multiplas occupações d'uma tarde toda: – escrever bilhetes, receber visitas intimas, fazer a sua *toilette* para a noite – cessasse de dirigir a si mesma esta pergunta, para que não obtinha resposta: «Sim, como?»

Se taes pesquisas são já difficeis e trabalhosas para um homem que tem o privilegio de poder andar por toda a parte, quasi sem ser notado, para uma mulher, nova, bonita e um tanto elegante, tornam-se impossiveis. Deve-se pensar. Não lhe é permitido sahir de casa senão vestida com fato proprio da sua classe. Basta isto para limitar muito o seu campo d'acção. Ha agencias particulares cujos prospectos, com promessas de segredo absoluto, pontualidade e rapidez, são enviados, de tempos a tempos, pelo correio, ás diversas pessoas que, por qualquer motivo, figuram em um dos numerosos annuarios do mundo parisiense, grande ou pequeno. Joanna tinha muitas vezes

ouvido falar a alguns homens do meio em que vivia havia dez annos, do perigo de semelhantes processos, para se expôr, de caso pensado, em empresas certas de exploração e talvez de *chantage*.

Revelar a policias incompetentes o vehemente desejo de saber o segredo de sua prima, não era pol-os ao corrente de outro segredo – o seu?

Estes obstaculos, levantados deante da curiosidade do mundo, explicam como tantas historias adivinhadas e assacadas á bocca pequena, ficam sempre inverificadas, e, portanto, facilmente negaveis. Poucas pessoas teem geralmente um tão grande interesse em as conhecer nos seus mais intimos e insignificantes detalhes, que se aventurem a arrostar com tantas difficuldades.

A mór parte permanece n'uma incerteza que lhes permite misturar justos indicios com infames calumnias, alliviando a sua consciencia com estas phrases classicas:

«Em todo o caso se não é verdade, podia muito bem sel-o!.. – Se é possivel acreditar-se tudo quanto se diz!.. – Eu cá nada vi, e isto são coisas tão graves!..» – indulgentes formulas tão deploraveis como os ditos maliciosos que pretendem attenuar.

Attestam bem quanta leviandade ha nas conversas dos salões e dos clubs, e tambem que n'ellas caminham a par o indifferentismo e a ferocidade!

Mas a baroneza de Node não se achava em presença de um «diz-se», tratava-se d'um facto, com consequencias funestas!

O procurar conhecer toda a verdade, sem compromisso proprio, tendo a lutar com a finura d'uma mulher tão

prudente, que havia sido necessario um inacreditavel concurso de circumstancias para pôr a sua parenta mais proxima, quasi sua irmã, sobre esta pista, muito vaga, quasi perdida já – é trabalho para esgotar todas as paciencias, mas não a d'uma invejosa!

Quando, um pouco antes das oito horas, a baroneza sahiu de caza para ir jantar com os Guy de Sarlièvre, das relações de ambas, e aonde sua prima devia tambem estar – a resolução de pôr inteiramente a claro o enygma, que subitamente se lhe deparou, era tão irrevogavel como um juramento corso, e a primitiva idéa estava posta de parte.

O ardor d'uma lucta começada – a mais forte das sensações para os nervos d'uma parisiense de habitos tão monotonos – dava á sua belleza, um tanto apagada, uma animação singular. Os olhos pretos, a que faltava muitas vezes a expressão, tinham um brilho desusado; o rosto quasi sempre descórado, um vivo colorido; toda a sua pessoa, mixto de frieza e fadiga, muita vitalidade e movimento.

A impaciencia de tornar a ver Valentina obrigara-a a partir muito cedo para a casa aonde ia jantar, chegando a sua nevrose ao mais elevado grau, quando a marquezia de Chalinhy que, por acaso, foi a ultima a apparecer, entrou, acompanhada pelo marido, na sala em que se achavam reunidos os convidados – quatorze, contando os recém-chegados.

A marquezia tinha aquella expressão de doçura e candidez que tão bem sabia guardar, mesmo quando vestia uma *toilette de soirée*, que punha inteiramente a descoberto os seus hombros

finos opulentos, os braços d'um contorno delicioso, a nuca graciosa e robusta – toda a graça dos seus trinta annos. Era o agrado da sua encantadora cabeça de cabellos louros, illuminada pelos olhos d'um azul tão curioso – era o pudor, e a pureza.

N'este dia usava um vestido á moda do tempo de Luiz XIII, d'uma tonalidade rosea, com bordados antigos, laços de setim e fivelas de diamantes. O penteado, em dois espessos bandós, d'onde se escapavam sobre a testa pequenos anneis, harmonisava com a *toilette* e lembrava os retratos d'essas mulheres do primeiro quartel do seculo XVII, que realisavam tão completamente o typo exquisito da franceza de outro tempo, por uma mistura unica de delicadeza e distincção, feminidade e sensatez, gentileza e honestidade.

– «Não é deliciosa esta gentil Chalinhy?..» perguntou alguém atraz da baroneza de Node, «é preciso que Norberto seja muito tolo para não o comprehender, pois não é verdade?..»

Era o duque de Arcole que assim falava, dirigindo-se ao visinho, um dos irmãos Mosé, o conde Abel, um dos parisienses mais circumspectos da sociedade elegante; tão circumspecto que Luciano d'Arcole ficou sem resposta.

A justificação de bravo official, que tem um nome glorioso, estava em que, mesmo com licença, só pensava no seu esquadrão. Não tinha reparado que a amante de Chalinhy se achava na sua frente. A um rapido signal, uma leve inclinação de cabeça, feito por Mosé, percebeu a sua inconveniencia. Joanna, que os via perfeitamente no espelho que lhe ficava fronteiro, pode

observar o gesto dissimulado de Mosé, e que o duque se ruborisou um pouco.

Quando reconhecia por estes e outros pequenos indícios que se suspeitava da sua aventura com Norberto, sentia uma viva irritação. N'aquelle momento, foi-lhe quasi intoleravel que o elogio da prima fosse misturado com uma expressão mal contida da censura com que a sociedade a feria.

Desejaria poder gritar a Mosé, ao duque de Arcole, a todos os presentes, os quaes estava bem certa d'isso, tinham já ouvido censurar ou elles mesmo censurado a sua falta: «Sim, Chalinhy é meu amante.

«É verdade, atraiçoa a mulher comigo. Mas perguntai-lhe tambem a ella, para que entrevista ia hoje, de carruagem, ás 3 horas da tarde?..»Desejaria tambem poder fulminar com aquella phrase vingadora o proprio Chalinhy que se lhe dirigiu para a cumprimentar, com um certo ar de constrangimento, que já por mais vezes lhe tinha notado, quando estavam em publico. Nunca se tinha podido habituar a taes reservas, muito insultantes para esta ligação, e contra as quaes só as suas caricias eram soberanas – durante os momentos em que as proporcionava a esse amante, ao mesmo tempo tão invejavel como incomprehensivel.

Quizera ainda dirigir a phrase insultuosa á propria Valentina, cuja doce serenidade contrastava, d'uma maneira imprudente, com o seu procedimento d'aquelle dia, se tal procedimento era culposo, e a verdadeira confirmação d'essa culpabilidade seria a resposta á pergunta insidiosa que sua prima ia fazer-lhe em

seguida – primeiro passo andado no caminho d'uma devassa que, por perfidia, se devia transformar, bem depressa, em denuncia.

– «Cheguei a imaginar que mudarias de tenção» começou Joanna, «e que me mandasses dizer esta manhã que podíamos sahir juntas. Esperei, porém, em vão, uma palavra tua...»

– «Acompanhar-te-hei ámanhã se quizeres, respondeu Valentina. Hoje não tive um momento de meu. Tinha muitas coisas atrasadas que pôr em ordem. Para a semana vamos para Pont-Yonne...»

– «Percebo, poseste as tuas visitas em dia. Onde foste então?»

– «Oh! A dez casas diferentes e só em duas deixei bilhetes.»

– «A maior parte das familias das minhas relações são estrangeiras. É esta a sua estação em Paris; mas não se comprehende muito bem o que veem cá fazer, visto estarem sempre em casa.»

Annunciava-se que ia ser servido o jantar, na occasião em que Valentina acabava de descrever a sua prima como tinha occupado toda a tarde d'esse dia, acompanhando a descripção com um sorriso tão infantil, tão fresco, que punha de parte qualquer idéa de mentira.

As duas primas separaram-se.

A senhora de Sarlièvre, na qualidade de dona de casa, julgava faltar a um dever de delicadeza, se não proporcionasse a duas pessoas, suspeitas d'um amor clandestino, estando em sua casa, mais uma occasião de passarem algumas horas ao lado uma da outra. Reservou tambem, naturalmente, a Chalinhy o prazer

de conduzir para a mesa a baronesa de Node. É o processo habitualmente empregado em Paris, pelas mulheres levianas, quando desejam que lhes façam o mesmo, e pelas mulheres honestas, quando querem recrutar frequentadores assíduos para os seus salões.

Enganam-se muitas vezes, pensando que, procedendo por esta fôrma, são agradáveis para com os seus convivas.

Acontece frequentemente que estas complacencias obrigam amantes arrufados a uma visinhança deveras incommoda e impertinente. Acontece tambem que magoam certas susceptibilidades um pouco desconfiadas, como sendo uma indelicadesa. É mostrar muito claramente que se conhecem os segredos da sua vida. Chalinhy pertencia ao grupo dos amorosos susceptiveis.

Vinte vezes Joanna de Node o tinha visto, em jantares como este, sentar-se junto d'ella com o mesmo aspecto melancolico, contrafeito, com os mesmos modos retrahidos d'um homem que se encontra n'uma situação falsa, e vinte vezes lhe disse, para o empolgar, para readquirir o imperio sobre elle, phrases de estimulante ternura como a que lhe murmurou, quasi em segredo, aproveitando o primeiro bulicio da instalação á mesa:

– «É uma felicidade para mim passarmos juntos alguns momentos. Ha mais de uma semana que lá não vaes».

– «Sabes perfeitamente que a culpa não é minha, tenho caçado quasi todos os dias...»

– «Sei tambem que isso te não pode servir de desculpa,» disse

galantemente. «Tinhas um ar tão contrafeito quando a Emiliana te pediu para me conduzires á mesa...»

– «Respeito-te muito,» replicou, «por isso confesso-te que fiquei contrariado... Sempre que jantamos fóra, nos collocam propositadamente um junto do outro. Sei perfeitamente o que isto significa...»

– «E eu tambem,» respondeu ella. «Sejamos francos, Norberto, não é a minha pessoa que te preocupa...»

– «Quem é então?..»

Joanna lançou um olhar para o lado de Valentina, d'uma significação tão clara que Chalinhy respondeu vivamente:

– «E se tiver por ella toda a consideração? Se desejar evitar-lhe um desgosto?»

– «E imaginas que ella tem a teu respeito iguaes sentimentos?» replicou a amante. Depois, com uma expressão singular que ainda esse dia não tinha tido, deixou escapar dos seus labios um: «Estás bem certo d'isso?» que acompanhou com um sorriso ainda mais singular, e voltou-se para o visinho do lado, que lhe perguntou:

– «O que está dizendo o Chalinhy que tanto a faz rir?..»

– «Oh! nada», respondeu, «é a historia d'um marido. São sempre divertidas.»

Poz-se a rir, mas mais alegremente, da enormidade da sua insolencia. Não pensou senão no effeito a produzir em Chalinhy, e, por acaso, o visinho a quem se dirigiu n'aquelles termos, era nem mais nem menos do que Paulo Moraines, o marido «mais

marido» de toda aquella sociedade. Peor do que isso. Era publico e notorio que o luxo da sua esposa fôra pago primeiramente pelo velho Desforges e depois por um outro dos Mosé, o conde Abrahão. Mas Moraines não desconfiou nunca das galanterias venaes da sua Suzanna – da aventura com o elegante Casal, por exemplo, ou da ligação com o poeta René Vincy.

A herança inesperada da senhora Bois-Daufraignes – prima afastada de Suzanna Moraines – veio trazer ao casal dois milhões de francos, justamente no momento em que os Desforges e Mosé iam começar a fazer falta, agora que a idade chegava com o seu fatal cortejo: pontos dourados na alvura dos dentes, tranças postiças e espartilhos reparadores! Paulo Moraines tinha a mania de contar a toda a gente a historia d'essa herança, em todos os pormenores, e accrescentava invariavelmente: «Vejam o que é ter uma mulher inteligente. Quasi que nem chegámos a perceber que tínhamos alguns milhares de libras de renda a mais, tão boa dona de casa ella é!»

Конец ознакомительного фрагмента.

Текст предоставлен ООО «ЛитРес».

Прочитайте эту книгу целиком, [купив полную легальную версию](#) на ЛитРес.

Безопасно оплатить книгу можно банковской картой Visa, MasterCard, Maestro, со счета мобильного телефона, с платежного терминала, в салоне МТС или Связной, через PayPal, WebMoney, Яндекс.Деньги, QIWI Кошелек, бонусными картами или другим удобным Вам способом.